

HJORTH & ROSENFELDT

# A MENINA SILENCIOSA



SÉRIE  
SEBASTIAN  
BERGMAN

5 MILHÕES  
DE EXEMPLARES  
VENDIDOS



**Apresentando a Unidade de Homicídios da Polícia Nacional,  
sediada em Estocolmo – também conhecida como Riksmord...**

Torkel Höglund – inspector-chefe

Ursula Andersson – perita forense policial

Vanja Lithner – agente de investigação policial

Billy Rosén – agente de investigação policial

Sebastian Bergman – psicólogo e especialista em perfis criminais

**Outros polícias**

Jennifer Holmgren – agente policial subalterna na pequena vila  
de Sigtuna. Destacada temporariamente para a Riksmord.

*Ele não sabe que dia é.*

*Mas não é dia de escola. Ele ainda está com o pijama vestido, embora já passe das nove horas.*

*Estão todos em casa. Ele consegue ouvir o som do Bob Esponja que vem da sala de estar.*

*A mamã pousa uma tigela de iogurte em cima da mesa e pergunta-lhe se ele lavou as mãos depois de ir à casa de banho. Ele diz-lhe que sim com a cabeça. Será que ele também quer uma sanduíche? Abana a cabeça para lhe dizer que não. O iogurte será suficiente. De banana e baunilha. Teria gostado de comer alguns Frosties com o iogurte, mas como o Fred já os comeu todos, em vez disso tem de se servir de uns Oat Krispies. No entanto, isso significa que está autorizado a ver um DVD logo a seguir ao pequeno-almoço para compensar o desapontamento. Decide-se pelo Transformers: A Escuridão da Lua.*

*Outra vez.*

*Tocam à campainha.*

*– Quem poderá ser a esta hora da manhã? – pergunta a mamã ao mesmo tempo que se dirige para a porta da frente. Ele nem sequer repara naqueles ruídos já conhecidos quando ela leva a mão ao puxador e abre a porta.*

*Então ele ouve um grande estrondo, e há um barulho como se alguém tivesse caído no corredor.*

*Sobressalta-se, entornando o iogurte por cima da mesa, mas nem se apercebe da porcaria que fez. O papá chama ansiosamente, a partir do quarto no piso de cima. Ainda não se levantou, mas agora ouvem-se uns passos rápidos a atravessar o patamar.*

*Depois aparece alguém à porta da cozinha.*

*Empunhando uma arma.*

AGORA HAVIA DUAS.

Ela era duas pessoas distintas.  
Por fora e por dentro.



Por fora, ela continuava em movimento.

Relutante mas determinada. A lição que tinha aprendido na escola sobre com devíamos ficar exactamente onde estávamos caso nos perdêssemos ia contra a sua instintiva vontade de correr.

Estava perdida?

Na verdade não sabia onde estava, mas sabia para onde ia. Certificou-se de que continuava a ouvir os carros que passavam na estrada. Poderia regressar à estrada. Caminhar ao lado da via. Esconder-se sempre que passasse alguém. Continuar a caminhar até chegar a algum poste que tivesse indicações, verificar se ainda estava a ir na direcção certa, e depois voltar a desaparecer na floresta. Por isso, não estava perdida. Não havia razão alguma para ficar onde estava. Além disso, havia o frio. O frio húmido e agreste que a persuadira de que era boa ideia continuar a andar. Sentia-se mais quente quando estava em movimento. Menos faminta. Por isso, continuou a andar.



Por dentro, ela estava completamente imóvel.

Durante algum tempo tinha corrido. Tanto por dentro como por fora. Corrido cegamente para diante. Agora não conseguia lembrar-se ao certo daquilo de que andara a fugir, nem reconhecer o lugar aonde havia chegado. Não era um lugar, nem um quarto, era mais como... uma sensação, talvez.

Ela não sabia. Mas estava ali e aquilo estava vazio e ela estava imóvel.

Ela estava vazia e aquilo estava imóvel.

Silencioso.

Isso parecia ser o mais importante. Enquanto se mantivesse em silêncio, estava segura. Naquele lugar que não era um lugar, iluminado sem luz. Onde nenhuma cores lhe lembravam as cores que os seus olhos arregalados continuavam a registrar a partir do mundo exterior. Abertos, mas fechados a tudo. Excepto àquela sensação de segurança. Que iria desaparecer juntamente com o silêncio. Ela sabia-o instintivamente. As palavras iriam denunciá-la. As palavras derrubariam as paredes que ela não conseguia ver, tornariam tudo novamente real. Deixariam entrar as coisas terríveis que estavam à espera lá fora.

Os estrondos, os gritos, aquele líquido vermelho e quente, o medo.

O dela e o de todos os outros.

Por dentro, ela estava imóvel e calada.



Por fora, ela tinha de continuar.

Ir para onde ninguém conseguisse encontrá-la. Para onde ninguém tentasse falar com ela. O exterior tinha de proteger o interior.

Ela sabia para onde ir.

Havia um lugar de que lhes tinham falado, sobre o qual os tinham avisado. Um lugar onde nunca mais seriam encontrados, se lá entrassem. Nunca mais. Era isso que lhes tinham dito. Ninguém a encontraria.



Por fora, ela ajustou mais firmemente ao corpo o blusão fino, impróprio para o tempo que estava, e acelerou o passo.

Por dentro enroscou-se, tornou-se mais e mais pequena, esperando vir a desaparecer completamente.

ANNA ERIKSSON estava sentada dentro do carro à porta do bloco de apartamentos amarelo-pálido, e esperava.

Vanja estava atrasada, o que era muito invulgar. Anna imaginou que esta fosse mais uma daquelas formas que a filha escolhera para se afirmar ao longo dos últimos meses.

O pior era que ela já não lhe telefonava.

Anna conseguia viver com isso. Compreendia porquê e, algures lá no fundo, talvez pensasse até que o merecia. E, para ser franca, elas nunca haviam tido aquele tipo de relacionamento mãe/filha que envolvia conversas demoradas ao telefone.

Mas quanto a Valdemar... Ele tinha achado insuportavelmente dolorosa a maneira como Vanja se distanciara, e isso havia-o reduzido a uma sombra do que era antes – mais até do que o cancro, na verdade. Não parava de falar da filha e da verdade que eles nunca lhe deveriam ter escondido. Deviam ter feito tudo de maneira diferente. Ele enganara a morte, mas só para descobrir que a vida estava repleta de mágoa e de remorso. Anna também achava difícil toda aquela situação, evidentemente, mas era-lhe mais fácil suportá-la. Sempre fora mais forte do que o marido.

Valdemar já tivera alta do hospital há mais de um mês, mas ela não conseguia que ele sáísse do apartamento. O corpo dele



parecia ter aceitado plenamente o novo rim, mas Valdemar não conseguia aceitar o seu novo mundo. Um mundo sem Vanja. Limitava-se a rejeitar tudo.

Anna. Os poucos colegas que tinham entrado em contacto, apesar do que ele fizera. Os ainda mais raros amigos que lhe telefonavam com cada vez menos frequência.

Nem sequer a investigação policial que estava em curso parecia incomodá-lo. As acusações de fraude e de evasão fiscal eram sérias, mas tornavam-se insignificantes quando comparadas com aquilo a que ele sujeitara Vanja.

Ela atacara-o cheia de fúria. Tinha sido horrível. Os gritos, as discussões, as lágrimas. Nunca nenhum deles alguma vez vira Vanja assim.

Tão zangada.

Tão terrivelmente magoada.

O estribilho era sempre o mesmo: como podiam ter feito aquilo? Que tipo de mãe e de pai fariam tal coisa? Que género de pessoas eram eles, pelo amor de Deus?

Anna compreendia. Ela teria sentido exactamente o mesmo se estivesse no lugar de Vanja. As perguntas da sua filha eram justificadas e compreensíveis. Das respostas é que Anna não gostava.

Ela era o tipo de mãe que fazia tal coisa.

Várias vezes, durante as piores contendas, Anna sentira-se prestes a dizer-lhe:

– Queres saber quem é o teu pai? Queres mesmo saber?

Mas calara-se, recusara dizê-lo a Vanja, insistira em que isso era irrelevante.

Não porque quisesse proteger Sebastian Bergman; ela conseguia perceber exactamente o que ele queria. Andava a tentar intrometer-se, reivindicar um direito que não tinha, como um cobrador de dívidas decidido a exigir um pagamento que ninguém realmente lhe devia.

Sebastian nunca fora o pai de Vanja. Valdemar tinha cumprido esse papel, todos os dias, da melhor maneira que pudera. Independentemente do que dissessem aquelas fichas hospitalares que Vanja andara a brandir com tanta raiva. O único aspecto positivo era que Sebastian não podia explorar a situação em seu próprio proveito. Tal como Anna, ele estava encurralado por todas as mentiras. Se contasse a Vanja que sabia a verdade há algum tempo mas não tinha dito nada, acabaria por revelar que a enganara, tal como Anna e Valdemar.

Ela passaria a odiá-lo também.

Cortaria relações com ele.

Sebastian estava muito ciente disso. Tinha telefonado a Anna várias vezes durante as últimas semanas, praticamente implorando-lhe que o ajudasse a encontrar uma maneira de contar a verdade a Vanja. Anna recusara. Nunca lhe permitiria que ele afastasse Vanja de Valdemar. Nunca. Essa era uma das poucas coisas de que ela tinha a certeza; tudo o resto era uma confusão completa.

Naquele dia, porém, ela ia começar a retomar o controlo da situação. Naquele dia ia dar o primeiro passo para resolver as coisas como devia ser. Tinha um plano.

A porta do edifício de apartamentos abriu-se e finalmente Vanja saiu de lá, com as mãos enfiadas nos bolsos, os ombros encurvados. Tinha umas marcas escuras por baixo dos olhos e parecia arrasada e exausta; era como se tivesse envelhecido alguns anos durante os últimos meses. Puxou para trás o cabelo baço e por lavar enquanto atravessava a rua. Anna concentrou-se, respirou fundo e saiu do carro.

– Olá, querida, estou muito contente por teres vindo – disse-lhe ela, tentando mostrar-se o mais positiva possível.

– O que queres? – foi a resposta. – Estou muito atarefada.

Já não falavam uma com a outra há três semanas, e pareceu a Anna que o tom de voz da filha estava um pouco menos ríspido. Mas poderia ser uma ideia ilusória, claro.

– Quero mostrar-te uma coisa – disse-lhe Anna hesitante-mente.

– O quê?

– Vem comigo, eu explico-te pelo caminho.

Vanja fitou-a com desconfiança. Anna sabia que quanto mais tempo ficassem ali, mais provável era que Vanja fosse consigo. Tinha aprendido isso ao longo de todas aquelas discussões; não valia a pena atacar Vanja, nem encurralá-la num canto e tentar obrigá-la a fazer alguma coisa. Se Vanja ia entrar no carro, tinha de o fazer sem qualquer tipo de confronto e nas suas próprias condições.

– Tu vais achar que vale a pena – continuou Anna. – Eu sei que vais.

Ao fim de um momento, Vanja fez um gesto de concordância. Entrou no carro sem dizer uma palavra.

Anna juntou-se a ela e puseram-se a caminho. Quando chegaram à estação de serviço ao lado do Porto Franco, ela quebrou o silêncio e cometeu o seu primeiro erro.

– O Valdemar mandou-te beijos. Ele sente muito a tua falta.

– Eu também sinto falta do meu pai. Do meu verdadeiro pai – retorquiu Vanja.

– Ando muito preocupada com ele, para ser franca.

– A culpa é só vossa – ripostou Vanja. – Não fui eu que andei a mentir durante toda a minha vida.

Anna percebeu que estavam à beira de mais uma discussão inflamada. Teria sido muito fácil transpor essa fronteira. A raiva de Vanja era compreensível, mas Anna queria conseguir levá-la a entender como ela andava a magoar as pessoas que realmente a amavam, aquelas que sempre a tinham apoiado, amparado. Eles tinham mentido para a proteger, não para a magoar. Percebeu que Vanja estava só à espera de uma desculpa para explodir, e por isso tentou serenar a situação.

– Eu sei, eu sei. Desculpa. Na verdade, não me apetece discutir. Hoje não...

Vanja pareceu aceitar um cessar-fogo temporário e prosseguiram a viagem em silêncio: descendo a Valhallavägen e virando para oeste em direção a Norrtull.

– Para onde vamos? – perguntou Vanja quando passaram pelo Stallmästargården.

– Como eu já disse, há uma coisa que quero mostrar-te.

– O quê?

Anna não respondeu imediatamente e Vanja voltou-se de frente para ela.

– Tu disseste que me explicavas pelo caminho, por isso começa a falar.

Anna respirou fundo, mantendo os olhos postos na estrada e no trânsito que seguia mais adiante.

– Vou levar-te ao teu pai.

– AGORA JÁ PODE ENTRAR.

Erik Flodin virou-se para trás e levantou os olhos para a grande casa de dois pisos, pintada de branco, onde Fabian Hellström, o técnico forense que viera consigo desde Karlstad, estava em pé na varanda.

– Já estamos quase a acabar.

Erik levantou uma mão para lhe indicar que tinha ouvido, e depois voltou a olhar para o campo aberto que se espalhava diante dele.

Aquele era um belo local. O relvado verde e fresco estendia-se até ao muro de pedra, e para lá deste havia um prado, esperando a Primavera para regressar à vida. As coníferas persistentes tinham agora a concorrência do delicado manto verde-claro das árvores de folha caduca, cujas folhas começavam a brotar. Um busardo pairava muito acima do campo aberto, quebrando o silêncio com o seu lamentoso grito.

Erik pôs-se a pensar se deveria telefonar a Pia antes de entrar na casa. Era inevitável que ela viesse a descobrir o que tinha acontecido, e iria ficar devastada. Isto iria afectar toda a comunidade.

A comunidade dela.

Mas se lhe telefonasse, ela começaria a fazer perguntas. A querer saber mais. A querer saber tudo, quando na verdade ele só sabia o que os seus colegas lhe tinham dito quando ali chegara. Para que serviria, pois, telefonar a Pia? Para absolutamente nada.

Ela iria ter de esperar, decidiu. Olhou uma última vez para a caixa de areia. Vestígios do aguaceiro do fim-de-semana em cima de um camião de plástico amarelo. Uma pá, um *Transformer* cheio de areia e dois dinossauros.

Erik suspirou e encaminhou-se para a casa e para os falecidos.

Fredrika Fransson estava à espera junto ao carro-patrolha, e veio ter com ele. Tinha sido a primeira a chegar ao local, e informara-o logo que ele chegara. Já anteriormente tinham trabalhado juntos, quando ele fora promovido a inspector, com responsabilidades especiais em Karlstad. Ela era uma boa agente, conscienciosa e empenhada. Era quase vinte centímetros mais baixa do que o metro e oitenta e cinco de Erik, e pesava pelo menos mais dez quilos do que os seus setenta e oito. Era mais fácil saltar por cima dela do que correr à volta para a contornar, como dissera um dos seus colegas mais viperinos. A própria Fredrika nunca dissera uma palavra acerca do seu peso – nem de muito mais, já agora. Não era particularmente conversadora.

Erik julgou conseguir sentir o cheiro da cordite quando entrou na varanda e viu a primeira vítima. Não conseguia, evidentemente. Sabia disso. Após um rápido exame das vítimas, o patologista forense fornecera-lhe uma estimativa preliminar para o momento da morte: aproximadamente vinte e quatro horas antes. Mesmo que a porta da frente tivesse estado fechada – e aparentemente não estava quando o menino de nove anos da casa ao lado viera ver se conseguia encontrar alguém com quem brincar – tinha passado demasiado tempo para que permanecesse no ar algum odor residual.

Erik colocou protectores nos sapatos e calçou umas luvas de plástico branco antes de entrar na propriedade. Empurrou para o lado os ramos de salgueiro adornados com ovos de Páscoa coloridos que estavam expostos num grande vaso junto à prateleira dos sapatos e ajoelhou-se ao lado do corpo de uma mulher, deitada de costas sobre o chão áspero de pedra. A primeira das quatro vítimas.

Quatro mortos.

Duas crianças.

Uma família.

Ainda não tinham sido formalmente identificados, mas os proprietários da casa eram Karin e Emil Carlsten e moravam ali com os seus dois filhos Georg e Fred, pelo que Erik ficaria muito surpreendido se aquela não fosse Karin Carlsten. Às vezes, quando ele conversava com colegas de Estocolmo e de Gotemburgo, ou mesmo de Karlstad, estes ficavam surpreendidos por ele não conhecer toda a gente em Torsby. Era de lá que ele vinha, não era? Com certeza era apenas um lugarejo no meio da floresta? Erik limitava-se a soltar um suspiro fatigado. Ao todo viviam quase doze mil pessoas naquela comunidade, com pouco mais de quatro mil no centro da vila. Alguém em Estocolmo conhecia quatro mil pessoas? Não.

Ele nunca conhecera os Carlstens, mas julgava já ter ouvido o nome... ligado a algum assunto policial muito recentemente?

– Conhece os Carlstens? – perguntou ele a Fredrika, que ainda estava na varanda, calçando os seus protectores de sapatos com alguma dificuldade.

– Não.

– Julgo lembrar-me de que nos cruzámos com eles neste último Inverno.

– Talvez.

– Pode verificar, por favor?

Fredrika disse-lhe que sim com a cabeça, retirou o único protector de plástico azul que conseguira calçar e encaminhou-se para o carro. Erik voltou a sua atenção para a mulher de cabelo castanho, com trinta e cinco anos, que estava no chão.

Havia um buraco no peito dela, com quase dez centímetros de diâmetro. Demasiado grande para uma pistola ou uma espingarda – assemelhava-se mais a uma caçadeira de dois canos. A quantidade de sangue existente no chão sugeria um ferimento de saída muito substancial. Erik adivinhou que o perpetrador tinha disparado à queima-roupa, com o cano da arma encostado ao corpo da mulher. O resíduo de cordite ficara acumulado entre a pele e o esterno, e aquela pressão intensa tinha esfolado a pele, chamuscando a camisola de lã branca da mulher à volta do buraco de entrada. A morte deveria ter sido instantânea.

Olhou de novo para a porta; a mulher encontrava-se a menos de um metro de distância dela, como se tivesse aberto a porta e alguém lhe encostasse uma arma ao peito e disparasse antes de ela ter tempo de reagir. O impacto atirara-a para trás.

Quem disparara devia ter passado por cima dela e continuado para o interior da casa.

Erik pôs-se em pé e fez o mesmo.

A primeira divisão a que se acedia pelo corredor era uma grande cozinha; sem dúvida que um agente imobiliário a teria descrito como uma «cozinha rústica campestre» se a casa estivesse à venda. Uma lareira aberta a um canto, feita de tijolos. Soalho de pinho de alta qualidade, com um tecto a condizer. Uma côdea de pão e um qualquer utensílio de cozinha que ele não reconheceu pendurados na parede por cima de um tradicional sofá de madeira. Um velho fogão a lenha preto entre toda a panóplia de aparelhos brancos e modernos.

Os restos do pequeno-almoço ainda estavam em cima da grande mesa de pinho. Uma tigela do que parecia ser iogurte com



*Oat Krispies*. Uma cadeira virada. Um menino, de oito ou nove anos, estendido no chão. Ainda em pijama.

Eram as férias da Páscoa. Não havia escola. Infelizmente, pensou Erik.

Um olhar mais atento ao menino pareceu confirmar a sua teoria acerca da caçadeira. Um dos braços tinha-lhe sido mais ou menos arrancado pelo ombro. Pequenas perfurações na garganta e numa das faces. Qual seria a distância, se o assassino tivesse disparado da porta? Dois metros? Três? O suficiente para que os projecteis mortais se espalhassem. Talvez o menino não tivesse morrido instantaneamente, mas não deveria ter demorado mais de um minuto a sangrar até à morte.

E a seguir?

Alguém percorrera a sala depois de o menino ter sido alvejado. Uma criança. Pequenas pegadas no sangue à volta da cadeira. Erik olhou para a divisão contígua à cozinha: uma pequena sala de estar, com um televisor e um leitor de DVD. O outro menino estaria a ver televisão quando ouviu os disparos? Talvez se tivesse levantado ao ouvir o primeiro estrondo. Fora até à porta e vira o irmão ser abatido. Depois corra. Para onde? O rasto conduzia às escadas.

Porque não fora ele morto também na cozinha? O atirador estaria a recarregar? Erik verificou o chão; não havia cartuchos, pelo que ele podia ver. Tinha de se lembrar de perguntar a Fabian se ele os recolhera.

– Jan Ceder.

Erik conseguiu à justa impedir-se de dar um salto quando Fredrika se materializou atrás de si.

– Os Carlstens participaram dele à Polícia em Novembro – continuou ela, com os olhos fixos na criança morta que jazia no chão.

– Porquê?

– Uma infracção dos regulamentos de caça.

– Que tipo de infracção? – persistiu Erik pacientemente.  
– Entregaram gravações em vídeo do Ceder com um lobo morto na sua propriedade.

– Portanto, foi condenado.

Uma afirmação, e não uma pergunta.

– Foi multado – confirmou Fredrika.

Erik fez um gesto de assentimento para si próprio. Um caçador. Uma caçadeira. Isso não provava nada, evidentemente, por ali havia muita gente que tinha armas e licenças de caça, mas era um começo.

– Ele ameaçou-os na última terça-feira.

O fio de pensamentos de Erik foi interrompido. Teria ele entendido Fredrika correctamente? Às vezes era difícil porque ela não fornecia mais informações do que as absolutamente necessárias – e muitas vezes nem sequer isso.

– O Ceder? – perguntou-lhe ele, só por precaução. – O Jan Ceder ameaçou os Carlstens na última terça-feira?

Fredrika disse-lhe que sim com a cabeça, olhando directamente para Erik pela primeira vez desde que entrara na cozinha.

– À porta dos balneários da piscina. Várias testemunhas.

Erik processou rapidamente essa informação. Poderia ser assim tão simples? Poderia alguém ser tão estúpido? A resposta a ambas as perguntas era sim. Só porque este crime fora brutal e violento, não tinha necessariamente de ser complexo e cuidadosamente planeado. Antes pelo contrário, na verdade.

– Quero falar com ele – disse Erik a Fredrika. – Mande alguém ir buscá-lo.

Fredrika saiu da sala, e Erik passou em revista a sua decisão enquanto seguia as pequenas pegadas ensanguentadas até à escada.

Uma ameaça.

Um caçador.

Uma caçadeira.

Esperava realmente que fosse essa a resposta. Era o responsável pela Unidade de Crimes Violentos da Polícia de Värmland há pouco mais de dois meses, e não tinha vontade nenhuma de se ver a braços com uma investigação demorada. Pia deveria sentir o mesmo. Ela exigiria uma resolução rápida, para que todas as pessoas da comunidade pudessem deixar aquele assunto para trás. Seguir em frente.

As pegadas tornavam-se cada vez mais ténues, e desapareciam completamente a poucos metros do fundo da escada. Erik começou a subir. Quando chegou ao cimo, encontrou um longo e estreito patamar onde havia três portas, duas das quais estavam abertas. Espreitou para o quarto à esquerda: as camas em beliche e os brinquedos espalhados pelo chão revelaram-lhe que aquele era o quarto dos meninos. Caminhou até ao fundo do patamar e parou. Encostado àquela que Erik assumiu ser a porta da casa de banho estava Emil. Parecia alguns anos mais velho do que Karin, ou talvez isso se devesse apenas à tonalidade grisalha do seu cabelo. Morto, claro. Desta vez fora certamente uma caçadeira. Mesmo no meio do peito. Erik imaginou o homem correndo para fora do quarto para se deparar com o atirador em pé no cimo da escada.

Olhou em redor; não parecia que Emil Carlsten tivesse trazido consigo qualquer tipo de arma. Devia ter ouvido o que estava a acontecer lá em baixo, mas viera desarmado. Provavelmente não estava a pensar com clareza. Erik não conseguia sequer imaginar como iria reagir se aquilo acontecesse em sua casa. Se fossem Pia e a sua filha que estivessem lá em baixo.

Passou por cima das pernas do homem e entrou no quarto. O espaço era dominado por uma cama de casal, que tinha pelo menos dois metros por dois. Muito espaço para crianças que tivessem pesadelos. A colcha e as almofadas decorativas estavam no seu devido lugar. Duas mesas-de-cabeceira, um toucador com um espelho. Uma das paredes estava completamente ocupada

por armários; as portas do roupeiro do meio estavam abertas para trás.

Era o de Karin.

Vestidos, blusas e saias em cabides.

Duas pernas nuas e finas destacavam-se entre os sapatos que estavam no chão. Erik aproximou-se.

O segundo filho estava sentado ao fundo. Tinha-se arrastado lá para dentro até onde conseguira, com um cobertor em cima do joelho. Como se estivesse a tentar esconder-se. Fora por isso que Emil não conseguira ir mais longe? O filho tinha subido as escadas a correr, e Emil tentara escondê-lo? Para o salvar?

Se assim fosse, falhara.

O atirador tinha-o encontrado. Devia ter-se postado exactamente onde Erik estava agora em pé, a pouco mais de um metro da criança. O cano da arma mais perto ainda. O disparo praticamente desfizera a cabeça ao menino.

Erik teve de se afastar dali. Já tinha visto muitas coisas que os seres humanos eram capazes de fazer uns aos outros, mas isto...

As crianças. Os pijamas. Aquelas pernas finas e nuas...

Sentou-se na cama e respirou fundo várias vezes, contendo as lágrimas. Empoleirado em cima daquela grande cama de casal, com as lágrimas a escaldarem-lhe os olhos, jurou que haveria de apanhar quem tinha feito aquilo. Não se lembrava de alguma vez ter articulado tão claramente o seu desígnio, mas isto era diferente. Ele ia apanhar quem tinha feito aquilo.

A todo o custo.

SEBASTIAN TINHA IDO a pé para o trabalho em Kungsholmen, como de costume.

Era a sua nova rotina. Demorava mais, e quanto mais tempo estivesse longe do seu apartamento, melhor. Andava a pensar seriamente em encontrar um novo sítio para morar, mas por outro lado passava lá muito pouco tempo. Quando estava em casa, andava para trás e para a frente até se cansar, depois tentava ler os livros que reclamava já ter lido. No entanto, andava tão desassossegado que começava a ler um novo livro antes de terminar o anterior. Um capítulo aqui, outro ali, mas mesmo assim os seus pensamentos punham-se a flutuar como madeiros à deriva.

Até as mulheres o entediavam. Continuava a namoriscar, encontrando algum relaxamento nesse processo, mas espantava-o a raridade com que ultimamente tinha levado o assunto até ao fim. Isso era muito invulgar nele.

Mas a imagem de Ursula no chão...

Não conseguia tirá-la da cabeça.

A poça de sangue a espalhar-se, brotando do olho direito dela como um saco que se tivesse rompido, o cabelo empastado e vermelho. Continuava a achar que o cheiro adocicado do sangue

permanecia no corredor, apesar de toda a quantidade de lixívia que já usara para o esfregar.

Portanto, ele ia ao escritório todos os dias. Precisava de trabalhar. Uma investigação, de preferência complexa e exigente, algo que requeresse toda a sua concentração.

Mas um caso desses era notável pela sua ausência. Nenhuma das forças policiais distritais pedira ajuda à Brigada Nacional de Homicídios do CID, conhecida como Riksmord, pelo que, como era habitual, a equipa andava a gozar algumas folgas para compensar as horas extraordinárias acumuladas. Billy, que normalmente estava lá quer eles andassem quer não a trabalhar nalgum caso, passava de vez em quando no gabinete para verificar o seu correio electrónico, mas não mais do que isso.

Sebastian via Torkel com menos frequência ainda, o que talvez fosse melhor. Torkel amava Ursula, e Ursula estava no apartamento de Sebastian quando a bala lhe perfurara o olho. O corpo inerte dela ficara caído no corredor de Sebastian. Tinha a sensação de que Torkel sempre o culparia por aquilo que acontecera, embora eles tivessem feito questão de evitar o assunto nas poucas ocasiões em que se haviam encontrado.

Será que Sebastian amava Ursula? Em tempos, provavelmente. Mas o seu primeiro pensamento quando ouvira o tiro e a vira ali estendida fora terrível. Não fora atabalhado pelo pânico. Fora um pensamento cristalino, e tudo menos amoroso.

*Mas que grande chatice.*

Uma mulher que ele conhecia há tantos anos. Uma mulher da qual ele se havia aproximado, com a qual tinha sido mais honesto do que com qualquer outra pessoa, estava a morrer no chão da sua casa, e a sua primeira reacção fora «mas que grande chatice».

Ele reconhecia muito bem esse pensamento.

Ocorria na sua cabeça relacionado com a maioria das coisas: conflitos, mulheres inoportunas, tarefas aborrecidas no trabalho,

acontecimentos sociais. Nesses contextos era perfeitamente natural, possivelmente até uma boa coisa.

Mas neste contexto...

No seu corredor, a seguir ao tiroteio.

Até ele achava isso assustador.

O único aspecto positivo era que Vanja andava por ali de vez em quando. Era ela a verdadeira razão pela qual ele continuava a ir ao trabalho. O relacionamento entre ambos havia melhorado recentemente; o choque de descobrir que Valdemar não era o seu pai biológico virara a vida dela do avesso. E enfraquecera as suas suspeitas de que Sebastian estivera de alguma forma envolvido no facto de ela ter perdido o lugar no curso de formação do FBI; era como se ela já não tivesse energia para seguir esse receio específico até à sua conclusão.

Era compreensível; poucas pessoas seriam capazes de suportar aquilo com que ela andava a lidar neste momento. Uma guerra em várias frentes. Era preferível selar pelo menos um frágil tratado de paz com uma pessoa.

Além disso, Sebastian havia negado persistentemente qualquer envolvimento. Tinha apelado duas vezes à comissão de selecção, explicando-lhes como tinha sido errada a decisão deles. Escusado será dizer que em ambas as ocasiões ele se havia assegurado por meios ínvios de que Vanja ficaria a saber dos seus notáveis esforços. A comissão fora inabalável: Vanja Lithner poderia apresentar uma candidatura da próxima vez que houvesse um lugar disponível em Quantico. No entanto, a intervenção de Sebastian fora compensadora de outra maneira.

Poucos dias após a sua última tentativa, cruzara-se com Vanja no corredor. Ela havia sido mais branda do que costumava ser. Parecera cansada, não tão disposta a iniciar uma discussão, não tão pronta a atacar à primeira oportunidade. Até lhe tinha dito olá. Contara-lhe que tinha ouvido falar dos esforços que ele

fizera em seu nome e a seguir falara-lhe do seu pai, que já não era seu pai.

Tinham-se aproximado mais. Não tão perto como dantes, mas aquilo fora um começo e, desde então, os seus pensamentos sobre Ursula tinham começado a desvanecer-se.

Ele redescobriria o seu desígnio.



# A SÉRIE POLICIAL NÓRDICA DE MAIOR SUCESSO INTERNACIONAL

SEBASTIAN BERGMAN

---

«Um romance trepidante que não foge do pesado custo emocional da culpa e da perda.»

*Sunday Times* (Reino Unido)

«Mais uma vez, um bem merecido sucesso: fascinante, ambicioso e cheio de reviravoltas inesperadas.»

*Der Standard* (Alemanha)

«Crime escandinavo de alta qualidade, que nos faz desejar mais.»

*Vrij Nederland* (Holanda)

«Uma história perfeitamente construída por suecos talentosos. [...] há motivos para ficar impressionado com o enredo deste livro, com reviravoltas absolutamente brilhantes e surpreendentes. [...] uma linda peça de artesanato profissional de dois escritores que realmente sabem o que estão a fazer.»





*Verdens Gang* (Noruega)

«O enredo deste quarto — e, na minha opinião, o melhor — livro da série concentra-se no assassinato extremamente brutal de uma jovem família e em como o Departamento de Investigação Criminal tenta obter a ajuda da única testemunha, protegendo-a. Apesar do assassinato brutal, não há muita violência no livro, mas, por outro lado, é extremamente emocionante e eficaz a sua combinação de *thriller* psicológico e novela de detectives.»

*Corren* (Suécia)



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros  
 sumadeletrasportugal

ISBN 9789897845284



9 789897 845284 >